

6 PRÉMIOS NACIONAIS
MELHOR DOCUMENTÁRIO PORTUGUÊS*

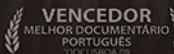
UM FILME DE JORGE PELICANO

PARE, ESCUTE, OLHE

TRÁS-OS-MONTES, REGIÃO ESQUECIDA E DESPOVOADA, VÍTIMA DE PROMESSAS POLÍTICAS INCUMPRIDAS. O ANÚNCIO DA CONSTRUÇÃO DE UMA BARRAGEM
AMEAÇA A CENTENÁRIA LINHA FERROVIÁRIA DO TUA. A IDENTIDADE DO POVO TRANSMONTANO ESTÁ EM RISCO DE SUBMERGIR.

dossier IMPRENSA

ATENÇÃO AOS COMBOIOS
DÁ-SE ESCUTE, OLHE



UMA PRODUÇÃO COSTA DO CASTELO FILMES APOIO FINANCEIRO FICA EM CO-PRODUÇÃO SICTELEVISÃO UM FILME DE JORGE PELICANO PESQUISA E DESENVOLVIMENTO DE ROSA TEIXEIRA DA SILVA, JORGE PELICANO
FOTO CAPA LEONEL DE CASTRO MÚSICA ORIGINAL DE MANUEL FARIA, FRANKIE CHAVEZ, FRANCISCO FARIA CAPTAÇÃO DE AMBIENTES FILIPE TAVARES, JOAQUIM PINTO
ARQUIVO FERROVIÁRIO DE JOAQUIM MENDES, BOB DOCHERTY, FERNANDO NUNES, MARCOS PRATA MISTURA E EDIÇÃO DE SOM S.1 TONI LOURENÇO
PRODUZIDO POR PAULO TRANCOSO DIRECÇÃO DE FOTOGRAFIA, EDIÇÃO, REALIZAÇÃO POR JORGE PELICANO

BREVEMENTE NOS CINEMAS

WWW.PAREESCUTEOLHE.COM





ÍNDICE

SINOPSE

FICHA TÉCNICA

SOBRE O FILME

BIOGRAFIA JORGE PELICANO

FILMEMOGRAFIA

PRÉMIOS

CARREIRA DO FILME

FEEDBACK NA IMPRENSA

MAKING OF

CONTACTOS

3

3

4

5

5

5

6

7

9

10



SINOPSE

Dezembro de 91. Uma decisão política encerra metade da centenária linha ferroviária do Tua, entre Bragança e Mirandela. Quinze anos depois, o apito do comboio apenas ecoa na memória dos transmontanos. A sentença amputou o rumo de desenvolvimento e acentuou as assimetrias entre o litoral e o interior de Portugal, tornando-o no país mais centralista da Europa Ocidental.

Os velhos resistem nas aldeias quase desertificadas, sem crianças. A falta de emprego e vida na terra leva os jovens que restam a procurar oportunidades noutras fronteiras. Agora, o comboio que ainda serpenteia por entre fragas do idílico vale do Tua é ameaçado por uma barragem que inundará aquela que é considerada uma das três mais belas linhas ferroviárias da Europa.

PARE, ESCUTE, OLHE é uma viagem por um Portugal profundo e esquecido, conduzida pela voz soberana de um povo inconformado, maior vítima de promessas incumpridas dos que juraram defender a terra. Esses partiram com o comboio, impunes. O povo ficou, isolado, no único distrito do país sem um único quilómetro de auto-estrada.

FICHA TÉCNICA

DIRECÇÃO FOTOGRAFIA, EDIÇÃO
E REALIZAÇÃO

ASSISTENTE REALIZAÇÃO
PESQUISA E DESENVOLVIMENTO

MÚSICA ORIGINAL

PRODUÇÃO
PRODUTOR
ADMINISTRAÇÃO DE PRODUÇÃO

CONTABILIDADE
CAPTAÇÃO DE AMBIENTES

MISTURA E EDIÇÃO DE SOM
DESIGN GRÁFICO
ARQUIVO FERROVIÁRIO

CO-PRODUÇÃO
APOIO FINANCEIRO
DURAÇÃO

JORGE PELICANO

ROSA TEIXEIRA DA SILVA
JORGE PELICANO
ROSA TEIXEIRA DA SILVA

MANUEL FARIA
FRANKIE CHAVEZ
FRANCISCO FARIA

COSTA DO CASTELO FILMES
PAULO TRANCOSO

RITA SALOIO
ANA GOUVEIA
FILIPE TAVARES
JOAQUIM PINTO

TONI LOURENÇO
FILIPE FREIRE

JOAQUIM MENDES
BOB DOCHERTY
FERNANDO NUNES
MARCO PRATA

SIC TELEVISÃO
FICA
102 MINUTOS

WWW.PAREESCUTEOLHE.COM
SAVETUA.BLOGSPOT.COM



SOBRE O FILME

O interior de Portugal, concretamente a região de Trás-os-Montes, voltou a captar a sensibilidade do realizador Jorge Pelicano.

Tendo a linha do Tua como fio condutor, entre Bragança e Foz Tua, “Pare, Escute, Olhe” comporta duas realidades: troço desactivado o e o troço activo. No primeiro, o comboio já não circula, os autocarros que vieram substituir os comboios há muito que desapareceram, aldeias sem um único transporte público, isoladas.

No troço activo, o anúncio da construção de uma barragem no Foz Tua, encaixada num património natural e ambiental único, ameaça o que resta da centenária linha.

O documentário começa com recuo temporal para ajudar a perceber as causas do despovoamento e as medidas tomadas em torno da questão da via-férrea do Tua: as promessas políticas, o encerramento da Linha do Tua entre Bragança e Mirandela (1991), o ‘roubo’ das automotoras pela calada da noite (1992), o fim do serviço público dos transportes alternativos.

Quinze anos depois, em 2007, no troço desactivo as aldeias estão isoladas e despovoadas. Durante os dois anos de filmagens (2007 a 2009), no troço activo, sucessivos acidentes, o anúncio da barragem, a incúria dos responsáveis na manutenção da linha, marcaram os acontecimentos.

“Pare, Escute, Olhe”, é um documentário militante, assume o ângulo do povo para traçar um retrato profundo de Trás-os-Montes. Por isso a estória não tem propriamente um personagem principal, mas vários: utilizadores assíduos do comboio que necessitam do transporte para ir ao médico ou simplesmente comprar um litro de leite, um activista defensor da linha, um escritor transmontano que nos conduz às entranhas do vale do Tua, um ex-ferroviário que vive numa estação activa, uma autêntico sabedor das notícias da região.

A acção desenrola-se em Trás-os-Montes, Lisboa (centro de decisões do poder central) e Suíça, um bom exemplo de rentabilização e aproveitamento das vias-férreas para o turismo e serviço às populações.

O som ambiente, capturado por Filipe Tavares e Joaquim Pinto, transportam-nos para cada plano, como se estivéssemos fisicamente naquele lugar, naquele momento.

O documentário conta com uma banda sonora original da autoria dos músicos e compositores Manuel Faria (www.indigomusica.pt) e Frankie Chavez (www.myspace.com/frankiechavez). O resultado foi uma sonoridade única, coerente, que embala a narrativa e percorre várias emoções: drama, alegria, suspense.

Na ficha técnica do filme é divulgado um blog - savetua.blogspot.com – gerido por várias entidades empenhadas na defesa do património do Vale do Tua, ao qual o documentário se associa na missão de divulgar esta causa.

“Pare, Escute, Olhe”, tal como o próprio título indica, é um convite à reflexão:

PARE sobre a realidade de Trás-os-Montes;

ESCUTE as pessoas e as suas reivindicações;

OLHE para as consequências e alternativas futuras.



BIOGRAFIA

JORGE PELICANO

Tem 33 anos, é natural da Figueira da Foz.

Licenciado em Comunicação e Relações Públicas, frequenta actualmente o mestrado de Comunicação e Jornalismo, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Profissionalmente, é repórter de imagem da SIC Televisão.

“Ainda há pastores?”, foi o seu primeiro filme documentário que, até ao momento, arrecadou 14 prémios nacionais e internacionais.

FILMOGRAFIA

Ainda há pastores?, 2006, documentário, 73 min.

Pare, Escute, Olhe?, 2009, documentário, 102 min.

PRÉMIOS

“AINDA HÁ PASTORES?”

Prémio “Lusofonia”, Cine Eco 2006, Seia, Portugal

Menção Honrosa do Júri da Juventude, Cine Eco 2006, Seia, Portugal

Prémio “Atlântico”, Play-Doc 2007, Tui, Espanha

Prémio Imprensa Caminhos do Cinema Português 2007, Coimbra, Portugal

Prémio “Cora Coralina” (Melhor filme), FICA 2007 Brasil

Prémio Zumballe Melhor Documentário – MIVICO 07, Ponteares, Galiza.

Menção Especial no 2º Festival Internacional de Cine Documental de la Ciudad de México.

Prémio Green Award, EFFN – Environmental Film Festival Network 07, Torino, Itália.

Prémio Secção Transfonteira “Melhor documentário”, EXTREMA DOC 07, Cáceres, Spain

Prémio Melhor Documentário, Katmandhu, Nepal

Prémio Televisão da Eslováquia, Etnofilm Festival 08, Bratislava, Eslováquia

Prémio do Público, Canada’s Portuguese Film Festival 08, Toronto, Canada

2º Classificado, Categoria documentário, Ecologico International Film Festival. Lecce, Italia

Menção Especial do Júri, Festival del Documentário d’Abruzzo, Itália, 2009

“PARE, ESCUTE, OLHE”

Melhor Documentário Português, DOCLISBOA 09

Melhor Montagem, DOCLISBOA 09

Prémio IPJ Escolas, DOCLISBOA 09

Grande Prémio do Ambiente, CINE ECO 09, Seia

Grande Prémio da Lusofonia, CINE ECO 09, Seia

Prémio Especial da Juventude, CINE ECO 09, Seia

REPORTAGENS SIC TV

Menção Honrosa “Rosa Brava”, AMI - Contra a Indiferença, 08.

Prémio “Cáceres Monteiro” - “Uma vida normal”, Impresa 08.

Prémio ANMP- Municípios Portugueses "Vida Interior", 09.
Melhor Imagem "Uma Vida Normal", FIGRA 09.
1º Prémio de Jornalismo na Área de Saúde Mental "Mentes inquietas", Fundação AstraZeneca 09.
Prémio Convergência "Crianças Vendem-se", Impresa 09.
Prémio de Jornalismo Família na Comunicação Social "Uma vida normal", 09.



CARREIRA DO FILME

"Pare, Escute, Olhe" estreou no DOCLISBOA – o principal festival de documentário em Portugal, que decorreu de 15 a 25 de Outubro - esgotou a sessão no Cinema Londres e encheu o Grande Auditório da Culturgest (capacidade para 618 lugares). O filme venceu os três prémios da competição nacional, incluindo o de Melhor Documentário Português e Melhor Montagem.

No mesmo dia, o documentário arrebatou também os três principais prémios no CINE ECO - Festival de Cinema e Ambiente de Seia, entre os quais Prémio Ambiente e Prémio Lusofonia.

No dia 14 de Novembro, "Pare, Escute, Olhe", foi apresentado aos protagonistas, em Mirandela.

Brevemente, o filme estreia nas salas de Cinema Lusomundo. Estão a ser agendadas também apresentações nos cine-teatros e cineclubes do país, de forma a garantir apresentações descentralizadas em todo o território nacional.



FEEDBACK NA IMPRENSA

Radar Entrevista



Jorge Pelicano

Há muitas coisas nas entrelinhas dos comboios'

O realizador, 32 anos, capta 120 horas de interatividade, no processo de «afogamento» da linha do Tua e da barragem do Salor. *Pare, Escute, Olhe* (seis prémios, no DocLisboa e no Festival de Seia) é um retrato, cheio de humor, cinema, pormenores, música e silêncios, de um Portugal «aprofundado» por políticas desastrosas de (des)ordenamento do território. A mostrar com que entrelinhas se cossem estes caminhos-de-ferro...

Por Ana Margarida de Carvalho

Esta é um filme documental que explora como não está interactividade no processo de desenvolvimento sustentável, e de longos grelhos de memória. Seia foi uma espécie de Michael Moore a enfrentar governantes e empresas poderosas, como Mercedes na a DOP? Não, a Michael Moore contra-se não se trata. O que não é muito comum no documentário português é a inclusão de políticos. Este é um documentário militante, que abraça uma causa. Os governantes presentes no filme são pessoas que acabam com o cenário de ferro, visto uma linha estranha e o progresso. Acontece a oposição energética, despojavamento e abundância. Por outro lado, defende-se a construção de uma barragem para gerar energia, mas depois surge-se o transporte rodoviário, onde se geram energias fúteis...

O filme começa com uma imagem de uma antiga estação comia pelas águas, onde se abanque o sol, dentro e fora. É uma metáfora visual de como o poder político vem a ser gestado transmutando-se no isolamento. As estações em ruínas mostram de pé.

Porque é que empurram o primeiro-ministro e o ex-ministro da Economia dos comboios para cima, enquanto discutem no Vale do Salor?

O que me interessava era o que estava por detrás das palavras. Antes de que os governantes dizem se se vai ou se não se querem cinema...

Além, segundo uma conversa lateral de Salor, em que ele diz que se se precisa aqui é de muito cinema...

Porém, temos de pensar se queremos um país todo igual, com a mesma a barragem por todo lado. Ou se é preferível ficarmos com algo único, que faz parte da nossa identidade.

Porque interessa discutir as políticas com imagens de um cinema?

Preciso a morte dos comboios uma morte política. É a coisa que se vai abordar e a morte que se encontra no interior e em Trás-os-Montes. A morte acontece não só ali, mas a sua própria coisa. Acho relevante o processo de despojavamento para criar ainda mais despojavamento.

No final vê-se uma criança a saltar um rio...

Ainda está alguma esperança, há a presença de revolta e alguma esperança energética. No início, depois de despojavamento, há uma criança a saltar um rio...

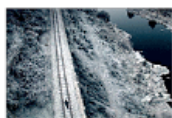
O filme não pode ser uma crítica política, mas um apelo à reflexão. E o título remete para o que, quando se olha, é

Pare, Escute, Olhe (seis prémios no DocLisboa e no Festival de Seia) é um retrato, cheio de humor, cinema, pormenores, música e silêncios, de um Portugal “aprofundado” por políticas desastrosas de (des)ordenamento do território. A mostrar com que entrelinhas se cossem estes caminhos-de-ferro...

Ana Margarida de Carvalho, Revista Visão, 5 NOV 09

CINEMA

Pelicano vence DocLisboa e Cine'Eco



No mesmo dia, o realizador natural da Figueira da Foz ganha três principais prémios nos dois festivais de cinema documental do país.

w Paulo Leitão

O realizador Jorge Pelicano ganhou, domingo, os três principais prémios do DocLisboa e do Cine'Eco - Festival Internacional de Cinema de Ambiente de

Seia.

O documentário "Pare, Escute, Olhe", de Jorge Pelicano, foi o grande vencedor da 7.ª edição do festival internacional de cinema documental de Seia, com dois prémios na competição portuguesa, Melhor Longa-Metragem e Melhor Montagem, e ainda o Prémio Escolas.

"Pare, Escute e Olhe" constitui uma reflexão sobre o despojavamento e a desertificação provocados pelo encerramento progressivo da linha ferroviária do Tua, que liga Bragança a Miranda.

Depois de receber os galardões em Lisboa, Pelicano deslocou-se à pressa para Seia onde recebeu também o principal troféu do Cine'Eco, o Grande Prémio do Ambiente, atribuído pelo Júri Internacional, bem como o Grande Prémio da Lusofonia e o Prémio Especial da Juventude, arrecadando assim três Campânulas de Ouro, o troféu deste festival.

O director técnico do festival, Lauro António, brincou mesmo com o facto de Pelicano receber seis prémios num só dia. "Deve ser um recorde do Guinness", disse o também realizador que há 15 anos é responsável pela parte executiva do certame na cidade serrana.

Em declaração ao DIÁRIO AS BEIRAS após receber os galardões, Jorge Pelicano disse que "mais importante que os prémios, é a missão do filme que visa salvar a linha do Tua, os prémios são apenas o reconhecimento de que vale a pena mostrar às pessoas um património que está em risco de ser submergido pela construção da barragem". Perante a possibilidade do documentário impedir a construção da barragem, o autor responde: "o documentário por si só não vai conseguir, acho que têm que ser todos juntos a lutar para que isso não aconteça, todos temos que reflectir, e quando digo todos, são também aqueles que decidiram fazer aquela barragem e vão fazer submergir aquele património que é a linha do Tua e o vale", frisa.

Pelicano sustenta que "aquele património não é só das pessoas que vivem lá, é de todos os portugueses e acho que se há alternativas para buscar outras energias, temos que ir por essas alternativas, porque o progresso não é só destruição".

Pelicano sustenta que "aquele património não é só das pessoas que vivem lá, é de todos os portugueses e acho que se há alternativas para buscar outras energias, temos que ir por essas alternativas, porque o progresso não é só destruição".

Diário As Beiras, 26 OUT 09



"Nem todos tinham o ritmo, o tema, ou a forma de contar a história suficientemente forte para manter a audiência do cinema atenta durante 90 minutos"

Raymond Walrevens, director e programador do Rialto, sala em Amsterdão especializada em cinema independente.

"Alguém se deu ao trabalho de ver até que ponto o filme tem ritmo, fala de histórias humanas e universais, até que ponto a montagem é boa, poderosa, ao serviço de uma causa verdadeira, universal?... Que felicidade quando uma história nos é bem contada!".

Guy Knafo, 10 Francs (empresa de distribuição cinematográfica)

In Ípsilon, suplemento do Jornal Público

Cronologia da Linha do Tua em três séculos"Atirem com a barragem ao rio"

"Pare, Escute e Olhe" Documentário pretende defender a Linha do Tua. Sábado, a projecção foi só para as populações, actores improvisados que, entre as imagens, iam lamentando o fim anunciado da linha

2009-11-16

EDUARDO PINTO, LEONEL DE CASTRO

Berta Cruz: "O comboio é para os pobres, deixem-no ficar!" João Nascimento: "A barragem que atirem co'ela ao rio, que se f...". Há quem divirja, mas a maioria de entre os povos servidos pela Linha do Tua maldizem o seu fim entre Mirandela e Foz-Tua, em Carrazeda de Ansiães.

Por seis dias que Berta e João não festejam os anos ao mesmo tempo. E já contam 77. Lado a lado no auditório de Mirandela, assistiram, ante ontem, à apresentação do filme "Pare, Escute, Olhe", em que são protagonistas. "Um documentário tendencioso que pretende defender a Linha do Tua", avisou o realizador Jorge Pelicano antes de se apagarem as luzes, pouco depois das cinco da tarde.

Sábado. Céu nublado. Falta um quarto de hora para as duas. José Amaral, morador da Ribeirinha (Vila Flor), prepara o "táxi" fluvial. Solla o cadeado da diátria de tábuas de um caixote de madeira a que chamam barca. Na margem de lá do rio Tua, em Barcel (Mirandela), uma mão-cheia de pessoas quer passar para a de cá, para ir ao documentário. "Maria do Carmo, tu não te mexas que eu não sei nadar!", alerta Adelaide Botelho para a companheira da curta viagem. "Aí p'ro meio é fundo..." torna, receosa.

"Jesus, há que vidas que aqui não vinha!", solla Carmo. "Otha vir agora com as compras à cabeça e ainda ir passar para lá de burco... tinha mais que fazer!", protesta Adelaide. Desprezam o caminho-de-ferro. "Não nos falta nenhuma, venha a barragem!". Chegam mais dois passageiros à margem da Ribeirinha. O resto da viagem faz-se a pé, até ao autocarro que espera junto ao "Lucky Luke", o café da aldeia que serve de ponto de encontro aos protagonistas do filme antes de rumarem ao auditório de

"Berta Cruz: "O comboio é para os pobres, deixem-no ficar!" João Nascimento: "A barragem que atirem co'ela ao rio, que se f...".

Há quem divirja, mas a maioria de entre os povos servidos pela Linha do Tua maldizem o seu fim entre Mirandela e Foz-Tua, em Carrazeda de Ansiães".

Eduardo Pinto, Jornal de Notícias, 16 NOV 09



MAKING OF



CONTACTOS

Rosa Teixeira da Silva
[Produção executiva]
T 966230699
E-mail: pare.escute.olhe@gmail.com

Jorge Pelicano
[Realizador]
T 961104235 | 962838559
Email: jorgepelicano@gmail.com

Costa do Castelo Filmes
[Produtora]
T 218438020
E-mail: info@costacastelo.pt